

LITERATURA AFRICANA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: EDUCANDO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

BRUNA AGLIARDI VERASTEGUI

Professora de Língua Portuguesa na Prefeitura de Capão da Canoa/RS.
E-mail: bruna_verastegui@outlook.com

1. INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência tem como objetivo descrever um projeto de leitura aplicado em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais, nas aulas de Língua Portuguesa. O projeto teve duração de dois meses, totalizando treze aulas de duas horas de duração cada, e ocorreu entre agosto e setembro de 2021, em uma escola pública municipal na cidade de Capão da Canoa, no estado do Rio Grande do Sul. Por conta da falta de livros físicos para todos os alunos da turma, além da dificuldade destes em lerem nas suas casas, optou-se por fazer as leituras no espaço da sala de aula. Para o projeto de leitura, escolheu-se trabalhar com o livro de contos intitulado *No Seu Pescoço*, da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie.

A referida obra traz doze contos que retratam as histórias e narrativas de pessoas negras vivendo tanto na África, quanto nos Estados Unidos, refletindo sobre suas origens, culturas, estereótipos e preconceitos. Em termos metodológicos, optou-se por dividir a turma em duplas e em cada aula uma delas era a responsável pela leitura em voz alta do conto. Após a leitura, a professora de Língua Portuguesa mediava o debate, levantando questões pertinentes e comparando as situações narradas na África e nos Estados Unidos com a própria realidade brasileira.

Durante e após o fim das leituras e dos debates, percebeu-se que os alunos envolveram-se com as narrativas lidas, melhorando não só aspectos da oralidade, mas também aprimorando suas inferências culturais e sociais. Foi possível concluir que os alunos compreenderam a complexidade das relações étnico-raciais e aperfeiçoaram seus sentidos de criticidade sobre discursos preconceituosos e desigualdades raciais.

Este relato de pesquisa se mostra relevante uma vez que a prática pedagógica aqui narrada coloca em evidência a Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que tornou obrigatório no Brasil o ensino de história e das culturas africana, afro-brasileira e indígena nas escolas de ensino fundamental e médio, tanto públicas quanto privadas. Ademais, esta prática pedagógica também conseguiu desenvolver com os alunos diversas habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (2018), incluindo a compreensão de diferentes visões de mundo a partir dos textos literários.

2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A ideia para realizar o projeto de leitura envolvendo a literatura africana surgiu ao perceber que os alunos tinham uma ideia muito rasa e bastante distorcida não só da África, mas também dos sujeitos que lá viviam. Em conversas com os discentes, era perceptível que compreendiam o continente africano como uma unidade, isto é, como se o continente fosse todo homogêneo, sem diferenças culturais. De acordo com os historiadores Lopes e Arnaut (2005), ainda hoje a sociedade constrói uma imagem eurocêntrica da África, ou seja, permanece a ideia de que o continente africano é carente de civilização. Desse modo, é imprescindível desnaturalizar esses estereótipos sobre a África, que são postos como naturais, mas que na verdade são construídos culturalmente e historicamente. Assim como referem os autores, “a África foi, e em certa medida ainda é, qualificada como uma unidade selvagem, pobre e inculta” (LOPES; ARNAUT, 2005, p. 11).

A fim de desenvolver nos alunos o senso crítico, bem como a compreensão da existência de diferentes valores e formações culturais, sociais e humanas, optou-se por trabalhar com o livro de contos *No Seu Pescoço*, da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. A escolha por essa obra ocorreu por diversos motivos: por se tratar de contos, isto é, textos não tão curtos, mas também não muito extensos, ideias para serem lidos em um pouco menos de uma hora; por trazer narrativas e vivências de personagens negros; por trazer uma linguagem clara, objetiva, mas ao mesmo tempo envolvente; e por tratar de temáticas bastante atuais: as migrações, os preconceitos, a xenofobia e as desigualdades de gênero, de raça e de classe.

De início, os alunos estranharam o fato de dedicar tanto tempo a um mesmo livro, e muitos questionaram sobre os conteúdos “de verdade” que perderíamos nos dedicando às leituras. Ao conversar com eles, notou-se que quando se referiam a conteúdos “de verdade” estavam fazendo associação com as regras gramaticais próprias da Língua Portuguesa. A professora, então, tentou explicar e elucidar que os conteúdos do referido componente curricular iam muito além de um conjunto de regras de gramática, pois a leitura, a interpretação textual, a compreensão cultural e social, bem como a construção de vocabulário e de senso crítico eram tão importantes, ou ainda mais relevantes, que as regras de nosso idioma.

Em cada aula, com duração de aproximadamente duas horas, os alunos faziam um círculo de cadeiras, onde sentavam-se junto da professora, a fim de escutar e acompanhar a leitura do conto feita pela dupla

selecionada. A leitura em voz alta, além de ser uma das habilidades a ser desenvolvidas segundo a BNCC (BRASIL, 2018), mostrou-se um recurso bastante efetivo, pois foi possível treinar a pronúncia de palavras pouco ou não conhecidas, além de construir o sentido de certas palavras do vocabulário do conto em conjunto com a turma.

Ademais, após a leitura, a professora iniciava a discussão, propondo um debate, levantando questões pertinentes, que podiam surgir a partir da leitura e da compreensão das narrativas lidas. Sempre após a leitura do texto, a professora buscava trazer, retomar ou relatar notícias sobre fatos que ocorreram no estado ou no país e que, de certa forma, conversavam ou tinham relação com as histórias trazidas nos contos: uma notícia sobre preconceito racial, sobre xenofobia, sobre imigração, etc. Essa aproximação dos textos literários com notícias jornalísticas fez com que os alunos conseguissem construir com maior facilidade relações e questões para o debate, alimentando e aprimorando o senso crítico. Ao longo das leituras, os alunos foram percebendo que, apesar das diferentes formações sociais e culturais, muitas das violências sofridas pelos negros migrantes nos Estados Unidos, também eram sofridas pela população negra no Brasil.

Além disso, outro fator recorrente nos debates ao longo das leituras dos contos, foi a questão da desigualdade de gênero, do assédio sexual, das violências que as mulheres sofrem apenas por serem mulheres, etc. A desigualdade de gênero percebida nas narrativas que se passavam tanto na Nigéria, quanto nos Estados Unidos, parecia ser similar, o que fez com que as alunas também percebessem a semelhança entre a violência sofrida por elas próprias no Brasil.

Após doze aulas e doze contos lidos, realizamos uma aula para discussão final do livro como um todo, analisando seus pontos positivos, seus pontos negativos, sua relevância, entre outros aspectos. Notou-se que muitos alunos da turma desenvolveram um certo interesse pela literatura africana e também pela autora, solicitando outras indicações de leitura similares.

Por fim, os alunos avaliaram o projeto de forma positiva, referindo que aprenderam bastante, não só com a leitura em si, mas também com os demais aspectos culturais narrados na obra. É importante ressaltar que apenas a leitura de um livro de contos da literatura africana, obviamente, não cessou todo o estigma que os alunos tinham sobre o continente africano e os sujeitos da África, mas forneceu uma base, um ponto de partida para que os alunos consigam buscar mais informações e, assim, construam os seus próprios conhecimentos.

3. RESULTADOS

Com este projeto de leitura, conclui-se que a leitura de textos literários na escola é, e sempre será, uma importante ferramenta na construção do conhecimento e na compreensão de distintos valores sociais e culturais. A leitura não só aprimora habilidades que versam sobre a aquisição de vocabulário e desenvoltura oral, mas também desenvolve a interpretação de mundo, expande os horizontes, aperfeiçoa o senso crítico e educa para as relações étnico-raciais.

Como professores, é necessário promover, também, a descolonização dos currículos, a fim de que a sociedade transforme-se em um lugar mais democrático e igualitário. Segundo Gomes (2012, p. 100), é de suma importância que haja uma “descolonização dos currículos da educação básica e superior em relação à África e aos afro-brasileiros”, além de fomentar o debate sobre privilégios brancos em nossa sociedade e nas instituições de ensino.

Por fim, analisa-se que a discussão sobre as diferentes culturas e pessoas, sobre os preconceitos, sobre as desigualdades raciais, sociais e de gênero, contribui para a formação cidadã dos alunos, uma vez que, para exercer a cidadania e fortalecer a sociedade democrática, é necessário combater as desigualdades e violências de todo tipo, pois só assim se constrói um espaço justo e melhor para todos.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **No Seu Pescoço. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.**

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 01 out. 2021.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Revista Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1/articles/gomes.pdf>. Acesso em: 17 set. 2021.

LOPES, Ana Mônica; ARNAUT, Luiz. **História da África: uma introdução.** Belo Horizonte: Crisálida, 2005.